

Pacientes de hospital psiquiátrico vão ao circo

LINA DE ALBUQUERQUE

Há uma década, Rosa Gonçalves, de 46 anos, não atravessava os portões do Hospital Psiquiátrico Pinel, em Pirituba. Na tarde de ontem, véspera do Dia Nacional de Luta Antimanicomial, ela vestiu o seu melhor vestido para ir ao Circo Orlando Orfei. Nervosa, Rosa teve medo de cair nas arquibancadas. No meio do espetáculo, dormiu. Mas acordou quando o palhaço Andrade foi cumprimentar as suas nove colegas, a maioria internada no Pinel há mais de 15 anos.

O passeio ao circo foi programado pela psicóloga Meire Fernandes, que trabalha no hospital. Diferentes dos outros 150 pacientes do Pinel, essas mulheres fazem parte de um grupo composto por 21 moradoras de longa data do hospital. Muitas não apresentam surtos há tempos, mas não têm para onde ir. "Continuam no hospital devido a um problema social", lamenta a psicóloga.

Isolina Cândido, 34, e Júlia Ramos, 50, têm hoje poucos desajustamentos mentais, além da desadaptação social causada pela própria vida dentro de um hospital psiquiátrico. Casada, dois filhos, Júlia mora no Pinel há 15 anos. Desde que entrou, nunca mais teve contato com a família. "Muitos endereços de parentes ela não lembra mais e os que lembra, já mudaram", diz Meire.

Mulheres como Júlia têm pouca motivação para passeios. "Não é tão simples convencê-las a fazer um programa como o de hoje", atesta a assistente social Syleni Calil.

Longe dos muros do hospital, elas teriam uma vida melhor, assegura a psicóloga. "O ideal seria que pudessem viver em moradias especiais", defende. Como isso não é possível, Meire continua planejando saídas para aproximá-las do mundo. Na próxima semana, irão ao Simba Safári. "Mas estamos pensando numa loucura ainda maior", avisa Meire Fernandes: "Três dias na praia".



Sergio Amaral/AE

Rosa (à esquerda): dez anos sem sair do Pinel

Sul também luta contra manicômio

PORTO ALEGRE — Os doentes mentais vão às ruas e a população aparentemente sadia entra no hospício. A troca está ocorrendo esta semana em Porto Alegre, com o desenvolvimento da programação "Por uma sociedade sem manicômios", promovida pelo governo do Rio Grande do Sul e pela prefeitura da capital gaúcha.

O ponto alto da programação será no fim de semana: no sábado, os internos e vários artistas vão pintar a parte externa dos muros do Hospital Psiquiátrico São Pedro e, no dia seguinte, seus pacientes estarão no Brique da Redenção — principal ponto de encontro domingueiro da cidade.

Os profissionais da área médica pretendem passar despercebidos, junto com os pacientes, num local que parece adequado: ali, gente sofisticada que compra antiguidades no mercado de pulgas, misturada a artesãos, adestradores de cães e atletas de fim de semana.

Os internos irão ainda expor seus trabalhos nas oficinas de arte do hospital. Em vez de macaças cinzentas, usarão camisetas coloridas com dizeres como "loucos pela vida". Segundo o diretor do São Pedro, Regis Campos Cruz, o objetivo é chamar a atenção da população no sentido de restituir a cidadania do doente mental.